

O CATASTROFISTA

UMA PEÇA DE
LAUREN M. GUNDERSON



O Catastrofista, de Lauren M. Gunderson

Teatro da Cerca de São Bernardo | Coimbra

19 de março | 19h00 . 20 e 21 de março | 21h30 . 22 de março | 16h00*

22 de março | 17h30* [conversa pós-espetáculo]

*com interpretação em Língua Gestual Portuguesa

1h15 | M/12

Sinopse

O Catastrofista, peça de Lauren M. Gunderson, a mais representada dramaturga contemporânea nos Estados Unidos da América, resultou da junção de dois fatores: a pandemia de COVID-19 e o facto de ser casada com um virologista de renome mundial, Nathan Wolfe, considerado pela revista *TIME* uma das 100 personalidades mais influentes no ano de 2011.

A ação da peça — estreada *online* em 2021, em plena pandemia — decorre em 2016 e acompanha o trabalho do protagonista no seu dia a dia de estudar vírus e tentar prevenir pandemias. É uma peça íntima, que relata uma história real de amor, família e perda, mergulhando nas profundidades da exploração científica, da presciência da predição de pandemias e da realidade angustiante de enfrentar a própria mortalidade.

Como refere a autora, “fartei-me de acordar ao lado desta personagem e demorei dez anos para a escrever.” O acontecimento que espoletou essa escrita foi estar a viver num mundo encerrado pela COVID-19, uma pandemia que o marido previu. Que não será a última.

É a estreia desta peça e da dramaturga num palco português. A sua tradução resulta do nosso *Projeto de Tradução Colaborativa* e teve uma primeira leitura pública na iniciativa *Ler Teatro com Ciência*, a 16 de fevereiro de 2022.

O Catastrofista é sobre epidemias, teatro, ciência e humanidade, e constitui um bom pretexto para refletirmos sobre os comportamentos humanos quando colocados em situações limite.

Nota do encenador

A peça

Nathan Wolfe, personagem central de *O Catastrofista*, é um epidemiologista que esteve envolvido na descoberta do salto de determinadas variantes virais presentes em animais para seres humanos. Acompanhou de perto a epidemia de Ébola que surgiu e se propagou na África Ocidental entre dezembro de 2013 e junho de 2016, matando mais de 11.000 pessoas.

Os primeiros casos de doença provocada pelo vírus Ébola foram identificados em 1976 no Sudão e no Zaire (atual República Democrática do Congo), e desde então

já ocorreram mais de duas dezenas de surtos, o último dos quais entre setembro e novembro de 2025, na República Democrática do Congo.

Os vírus continuam por aí.

Ainda está fresco nas nossas memórias o período em que a nossa vida se transformou radicalmente por causa de um vírus. Todos vivemos a experiência catastrófica provocada pelo vírus SARS-CoV-2. Assistimos à rapidez da sua propagação e constatámos a fragilidade dos nossos corpos e dos sistemas sociais.

Os especialistas esperam que estes acontecimentos, com uma dimensão global, sejam cada vez mais frequentes, considerando a pressão, cada vez mais intensa, das atividades humanas sobre os sistemas naturais e a grande mobilidade de pessoas no mundo atual. A questão não é se vai acontecer mais uma pandemia, a questão é quando.

Os vírus continuam por aí.

Este contexto torna extremamente oportuno o tema científico abordado em *Catastrofista*. Além disso, o diálogo que se estabelece entre teatro e ciência, intrínseco à estrutura da peça, entre as visões de uma dramaturga e de um cientista, surge como uma camada adicional de interesse. A isto somam-se as características emocionais e profundamente humanas que a peça introduz, navegando em paralelo entre a dimensão do indivíduo — a vida familiar da dramaturga e do cientista — e uma dimensão sobre-humana, em que um ser invisível tem um impacto devastador na humanidade.

Os vírus continuam por aí, em todos os seres vivos.

É assim que o mundo funciona.

Para lá da peça

No início de fevereiro de 2026, quando já estávamos a trabalhar na sua produção, a autora do texto ganhou uma visibilidade pública inesperada. Uma companhia de teatro norte-americana cancelou a estreia de uma das suas peças. O motivo foi o facto do seu nome, juntamente com o do marido (o cientista representado na peça), surgir associado ao de Jeffrey Epstein, pedófilo acusado de tráfico sexual de menores, em documentos tornados públicos pelo Departamento de Justiça dos EUA. Um processo que se tornou viral.

As referências à dramaturga são circunstanciais e, aparentemente, involuntárias. Surgem ligadas a um endereço de e-mail que tinha em conjunto com o marido, para o envio de convites para o casamento deles, para anunciar o nascimento dos filhos ou para desejar Boas Festas. No caso de Nathan Wolfe, as menções são mais numerosas e traduzem-se em dezenas de mensagens e referências em e-mails, a combinar reuniões, telefonemas ou refeições, entre janeiro de 2010 e março de 2013. Estes documentos, no entanto, não permitem associar o cientista a qualquer comportamento criminoso ou moralmente condenável.

Epstein desenvolveu uma intensa teia de relações com pessoas socialmente mais abastadas e poderosas, bem como com um número significativo de cientistas de topo.

O milionário esteve envolvido em vários projetos científicos e financiou instituições acadêmicas como o MIT e Harvard. Wolfe foi um dos cientistas que se cruzaram com este mecenas da ciência. Fica clara a sua intenção de obter financiamento para uma investigação científica, para a qual chegou a realizar investigação preliminar e a constituir uma equipa, mas que não seguiu em frente.

Até que ponto é razoável a ciência ou os cientistas aceitarem financiamento de fontes moralmente reprováveis? É eticamente aceitável fechar os olhos quanto à origem do dinheiro? Na balança entre a origem duvidosa do dinheiro e o eventual benefício público da investigação científica que potencia, o que pesa mais: a integridade de quem financia ou a necessidade de financiamento?



Estas circunstâncias, surgidas durante a preparação da peça, abrem espaço para outras reflexões (e criações): sobre os modos de financiamento da ciência; sobre a imediatez de julgamento da opinião pública nos dias que correm; sobre a biosfera oculta (*shadow life*, em inglês) dos meandros do dinheiro e do poder; sobre como a vida é um processo em permanente transformação e de como as peças de teatro, como esta, podem ganhar novas interpretações e significados consoante o contexto em que são lidas e apresentadas.

E os vírus continuarão por aí.

Coimbra, 13 de março de 2026



Sobre a Marionet

Somos uma companhia de teatro orientada para a promoção e disseminação das culturas artística e científica, através de atividades de cruzamento entre as artes performativas e as ciências. No nosso trabalho de investigação, criação e comunicação temos como parceiros regulares teatros e centros de investigação científica e estamos envolvidos em diversos projetos de investigação. O que nos move é o questionamento e a reflexão sobre o mundo, apoiados neste cruzamento disciplinar. E é neste contexto que criamos espetáculos, fazemos investigação, organizamos colóquios e leituras, damos formação, produzimos vídeos, editamos livros e partilhamos um centro de documentação.

Conversa pós-espetáculo

Imediatamente após a última apresentação, na tarde de domingo, terá lugar uma conversa com a presença do encenador Mário Montenegro, do intérprete Ricardo Vaz Trindade e de Vitor Duque, especialista em doenças infecciosas dos HUC e professor de doenças infecciosas da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

A participação nesta conversa informal é gratuita e está também aberta a quem não assista à sessão nesse dia. As pessoas interessadas deverão comparecer, no Teatro da Cerca de São Bernardo, às 17h15 do dia 22 de março e serão encaminhadas até ao interior da sala.

Arquivo de Imagens

O arquivo de imagens que serve de base para os visuais apresentados neste espetáculo está online e aberto à manipulação (através deste QR Code). Permite ao espectador uma abordagem mais experimental das diferentes possibilidades que o guião oferece.



The Catastrophist
é produzido por acordo especial com THE GERSH AGENCY, 9465 WILSHIRE BLVD., 6º FLOOR,
BEVERLY HILLS, CA 90212.

The Catastrophist
foi encomendado pela Marin Theatre Company, Mill Valley, CA;
e a estreia mundial foi filmada e produzida pela Marin Theatre Company e Round House Theatre,
Bethesda, MD.

Ficha Artística e Técnica

Discussão e Ideias | Carolina Costa Andrade, Danilo Pinto, Francisca Moreira, Laetitia Morais, Marcelo dos Reis, Mário Montenegro, Pedro Andrade, Ricardo Vaz Trindade

Texto | Lauren M. Gunderson

Encenação | Mário Montenegro

Tradução (Projeto de Tradução Colaborativa) | Adelaide Calheiros, Ana Botelho, António Calheiros, Bárbara Oliveira, Francisca Moreira, Nelson Cardoso, Nuno Geraldo, Nuno Meireles, Ricardo Jerónimo, Susana Pires

Revisão da Tradução | Nuno Geraldo, Maria Neves, Mário Montenegro, Ricardo Vaz Trindade

Interpretação | Ricardo Vaz Trindade

Direção Técnica e Iluminação | Danilo Pinto

Cenografia e Imagem | Pedro Andrade

Figurinos | Carolina Costa Andrade

Vídeo | Laetitia Morais

Música e Sonoplastia | Marcelo dos Reis

Penteados | Carlos Gago – Ilídio Design Cabeleireiros

Interpretação LGP | Jéssica Ferreira, Andreia Esteves

Direção de Produção e Fotografia | Francisca Moreira

Produção Executiva | Carolina Costa Andrade, Silvia Carballo, Vicente Paredes

Comunicação | Carolina Costa Andrade, Ricardo Jerónimo

Vídeo Promocional | Tiago Cerveira

Registo de Vídeo | João Cunha

Coprodução:



Apoios:



